

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
JOSÉ MARIO BRANCO – A MORTE NUNCA EXISTIU  
23 de Abril de 2022

## GENTE DO NORTE OU A HISTÓRIA DE VILA RICA / 1977

*um filme de* LEONEL BRITO

**Realização:** Leonel Brito / **Comentário:** Rogério Rodrigues / **Locução:** Luís Lello / **Fotografia:** Elso Roque / **Assistente de Imagem:** Pedro Efe / **Iluminação:** Amadu Lomar / **Canções (música, letra, interpretação):** José Mário Branco / **Montagem:** Clara Diaz-Bérrio / **Direcção de Som:** António de Sousa Dias de Macedo / **Misturas:** Raul Ferrão / **Com:** José Manuel Machado e habitantes de Torre de Moncorvo.

**Produção:** Cinequanon / **Director de Produção:** César O. Monteiro / **Assistente de Produção:** Cremilde Mourão / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema (Depósito da Cinequanon/Leonel Brito), em 16mm, cor, falada em português / **Duração:** 53 minutos / **Primeira Apresentação na Cinemateca:** 24 de Setembro de 1980, Ciclo “Panorama do Cinema Português”

---

Sessão composta pelos filmes **Cravos de Abril** e **Gente do Norte ou a História de Vila Rica**. Sobre **Cravos de Abril** é distribuída uma “folha” em separado.

---

**nota:** A cópia que apresentamos de **Gente do Norte ou a História de Vila Rica**, a única que possuímos em película com qualidade de projecção, não possui genérico, uma vez que foi produzida a partir do negativo original, o qual não possuía as respectivas legendas com os créditos.

---

*“...A memória colectiva de um povoado, com uma moral, com um comportamento, com um quotidiano, desfaz-se. Desintegra-se a arquitectura da Vila fechada sobre si mesma. Outra Vila começa a surgir. A História tece os seus ciclos”*

*(do texto do filme)*

Realizado por Leonel Brito e produzido pela Cinequanon, **Gente do Norte** é um retrato da região de Torre de Moncorvo, em Trás-os-Montes, que, embora remontando às raízes históricas da zona, a regista num presente em acelerada mutação. O passado e o presente de “Vila Rica” ou “Vila Riça” são analisados por Leonel Brito que, apoiado num texto de Rogério Rodrigues lido por Luís Lello, evoca o passado da região, nomeadamente as lutas antigas, os tempos de exploração das minas de volfrâmio na Segunda Grande Guerra, o cultivo dos campos, bem como os efeitos da guerra colonial e da emigração no esvaziamento da comunidade e no surto de novas construções, em que os que chegaram das colónias se cruzam com os que ainda partem para países distantes à procura de trabalho.

As imagens de abertura centram-se na belíssima paisagem do Nordeste trasmontano que, com excepção das ruínas associadas à exploração mineira parece imutável desde tempos imemoriais. A referência a uma transição entre passado e presente faz-se pois sobre vistas gerais da povoação, onde os sinais da mudança serão mais evidentes. Documentário de forte cariz antropológico sobre uma região de onde é oriundo o próprio realizador, **Gente do Norte** é também uma crónica de resistência e de esperança do povo dessa terra em transformação.

Várias são as características que distinguem **Gente do Norte** de grande parte da produção das cooperativas cinematográficas deste período. Embora produzido pela Cinequanon, cooperativa de que Leonel Brito é sócio fundador e para a qual produziu inúmeros filmes para séries de televisão (vários incluídos neste vasto ciclo [que dedicámos ao 25 de Abril em 2014] \*), **Gente do Norte** distingue-se desde logo por uma maior ambição e por diferentes condições de produção face a grande parte destes mesmos documentários. Antes de mais é um filme a cores (com uma magnífica fotografia de Elso Roque), que nos devolve uma quente imagem da paisagem trasmontana, enquanto grande parte dessas produções são a preto e branco. Por outro lado, é um filme que não se insere em nenhuma série televisiva e que encontrou os seus próprios canais de distribuição em festivais, mostras e ciclos de cinema. Mas é também um filme que deixa de lado algumas das questões mais assumidamente militantes da produção das cooperativas durante o PREC para se concentrar numa região que o realizador conhecia bem, o que garante ao filme uma abordagem em profundidade, que não se centra directamente nas transformações de mentalidades associadas à revolução. Por outro lado, ao contrário de muitos dos filmes produzidos num contexto revolucionário, este é talvez um dos que mais aposta num texto que constitui o seu comentário, deixando menos espaço aos testemunhos dos habitantes da zona que filma, que em vários dos filmes que mostramos agora constituem frequentemente a sua espinha dorsal. A música e a letra das canções pertencem a José Mário Branco, que assina aqui um dos seus primeiros trabalhos relacionados com o cinema depois de haver regressado a Portugal. Juntando-se assim a outros compositores tão presentes nestes filmes como Zeca Afonso e Sérgio Godinho.

O comentário que contextualiza a história da região evoca ainda narrativas que fazem parte do património oral de Moncorvo. Histórias que convocam alguns dos “momentos mais tristes da aldeia”, como a do “cidadão-soldado” que partiu para a guerra um dia depois do seu casamento, e que, quando nove anos depois regressou a casa sem ter dado qualquer notícia, chega a meio de novo casamento de sua mulher que havia sido dada como viúva. História que acompanha as imagens de um casamento do presente, ou uma outra que acompanha as imagens de um baptizado, que evoca a morte de uma mãe que faleceu às portas do hospital da povoação por não ter 300 escudos para pagar o parto do seu filho. Mas não são apenas as histórias do passado que se revelam tristes. Um dos momentos mais comoventes do filme é quando um jovem se confessa, revelando que por vezes tem vontade de chorar face às dificuldades que atravessa numa aldeia sem água canalizada, sem luz e com grandes problemas ao nível de aquecimento em Invernos rigorosos. Pouco tempo antes, como que antecipando este testemunho, o comentário-*off* acentua a existência de uma barragem para iluminar as terras mais a Sul, pois aqui não chegou a electricidade.

Mas desintegra-se a arquitectura da Vila e outra Vila começa a surgir. Confirmamo-lo pelas casas mais coloridas que se avistam ao longe, que contrastam com a pesada arquitectura de pedra. E “o poder da Praça deixou de ser poder”. São admiráveis as imagens dos homens que circulam de um lado para o outro dentro dos limites dessa praça que constitui o centro da povoação. Movimento pendular que a câmara segue de perto, o que nos transmite uma forte ideia de clausura, que é acentuada pela voz que refere que a praça está neste momento reservada aos mais velhos. São tradições que se desintegram numa sociedade em acelerada mudança que, ao romper com os ritmos ancestrais, assume uma nova configuração. É nesse sentido que **Gente do Norte** assume toda a sua vertente antropológica e mesmo arqueológica com o fim de preservar tudo aquilo que em breve não resistirá à erosão e à uniformização do tempo presente.

Joana Ascensão

\* Texto escrito por ocasião do Ciclo “25 De Abril, Sempre – Parte I. O Movimento das Coisas“, tendo o filme feito parte do seu capítulo “Por Uma Cultura Popular”, Ciclo que decorreu na Cinemateca em Abril e Maio de 2014.